



Carlos Vieira/CB/DA Press

O abandono e o ressurgimento de um remédio

No início do século 20, com a popularização de medicamentos mais modernos e com a dificuldade em prever os efeitos da cannabis, seu uso medicinal diminuiu consideravelmente, ao mesmo tempo em que o uso recreativo por grupos marginalizados se popularizava.

Em 1830, a maconha se tornou ilegal no Brasil. Nos Estados Unidos, o mesmo aconteceu em 1910, e todos os benefícios relacionados ao uso medicinal da cannabis ficaram escondidos atrás da criminalização imputada à planta, que deixou de ser considerada um medicamento.

Foi somente em 1963 que a cannabis voltou a despertar interesse do ponto de vista médico. O químico búlgaro-israelense Raphael Mechoulam isolou, pela primeira vez, dois princípios ativos da planta, o canabidiol (CBD) e o tetra-hidrocanabinol (THC). A pesquisa dos efeitos dessa substância no organismo permitiu o descobrimento do sistema endocanabinoide.

O médico Renato Anghinah, CMO (chief marketing officer) da Hempmed, primeira importadora de cannabis medicinal do Brasil, ensina que o sistema endocanabinoide é formado por uma série de receptores, por moléculas endógenas, chamadas endocanabinoides, e por enzimas que funcionam como sinais entre as células e os processos corporais.

Os receptores de neurotransmissores estão espalhados por todo o corpo e as moléculas endógenas se ligam a eles, criando efeitos biológicos que têm como objetivo principal regular e manter o equilíbrio dos outros sistemas do organismo, sendo responsável pelo controle da saúde e do bem-estar.

Diferentemente do sistema nervoso central e do sistema nervoso autônomo, ele funciona sob demanda, liberando substâncias quando é provocado. “Quando há uma desregulação no sistema nervoso, o endocanabinoide tenta corrigir esses impulsos. Se o cérebro está muito excitado, por exemplo, essas substâncias inibitórias e relaxantes vão acalmá-lo”, explica Renato.

E é nesse sistema que a cannabis atua, uma vez que seus ativos imitam as moléculas endocanabinoides do nosso organismo. Quando há um desequilíbrio na saúde do corpo e a produção natural de moléculas não é o suficiente para resolver, ou quando, por algum motivo, determinada pessoa não consegue produzir endocanabinoides adequadamente, o uso de medicamentos à base de ativos da cannabis pode ser a solução.

Marcelo Valadares, médico neurocirurgião da disciplina de neurocirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e do Hospital Albert Einstein, esclarece que a rede cerebral envolvida pelos receptores está ligada ao funcionamento de diversos circuitos, entre eles o da percepção da dor e, assim, especula-se que o canabidiol e outros ativos da cannabis atuam nos processos inflamatórios do sistema nervoso e na modulação das vias neurais.

“Sabemos que várias doenças e condições clínicas estão ligadas a inflamações no sistema nervoso e a modulação delas pode reduzir significativamente sintomas e consequências. Estudos também consideram os efeitos nas dores crônicas e nas doenças degenerativas”, acrescenta Marcelo.

A região com maior concentração de receptores e neurotransmissores é o sistema nervoso central, de forma que grande parte das doenças e condições nas quais o uso dos ativos da cannabis é indicado são as de origem neurológica.

“Podemos dormir”

É nesse quadro e em uma das condições mais comumente tratadas com a cannabis que se encontra a família Schumann. Gabriela Palhares Glitz Ferreira Schumann, 19 anos, tem uma epilepsia de difícil controle associada ao transtorno do espectro autista (TEA).

O funcionário público Adalberto Alfredo Schumann, 49 anos, e a educadora Keile Simone Ferreira Schumann, 51, introduziram o CBD no tratamento de Gabriela em agosto de 2018 e tiveram dificuldade de acreditar no que viam.

Gabriela tinha cerca de 30 crises por dia e, quando tomou a primeira dose, passou 10 dias sem ter nenhuma. “Ficamos receosos no início, por introduzir mais um medicamento, não sabíamos se ia funcionar. Mas desde que ela começou a tomar o CBD, teve cerca de 300 crises a menos na vida”, comemora Adalberto.

Adalberto e Keile, que ficavam 24 horas por dia se dividindo na vigília da filha, puderam, depois de anos, ter uma noite de sono completa ao mesmo tempo. E o mesmo vale para Gabriela, que nunca tinha passado mais de duas horas sem uma crise.

Atualmente, ela tem crises esporádicas, mas a intensidade mais alta equivale às mais leves que apresentava antes do uso do CBD. Gabriela se tornou mais sociável, conversa com pessoas além da família, come melhor e ganhou peso.

“A mudança foi significativa, lamento muito não termos começado antes. Ela teve um desenvolvimento físico e cognitivo que nunca tínhamos visto, e eu imagino como seria diferente se ela tivesse esse tratamento desde pequena. Por isso, é tão importante a divulgação desse conhecimento”, defende Adalberto.

Parte de uma ONG, Adalberto e Keile lutam para que cada vez mais famílias tenham acesso ao tratamento que pode mudar a vida de muitas pessoas. Os custos altos e o processo burocrático para importação e mesmo compra local dos ativos da cannabis impedem que muitas famílias consigam tratamento.

“O custo familiar é muito alto e é um impeditivo para que a maioria da população tenha acesso. Uma seringa do remédio da minha filha custa um salário mínimo, e o processo para conseguir pelo Sistema Único de Saúde também envolve custos e dificuldades”, lamenta.